

6

AFRICANIDADE E NEGRITUDE: DIMENSÕES DE PENTECOSTALIDADE NA TEOLOGIA AFRICANA

Claiton Ivan Pommerening¹

Orlando Afonso Camutue Gunlanda²

RESUMO

O Africano já nasce sob o signo da negação diante do modelo de vida ocidental. Esta negação se estende até a sua cultura, raça, religiosidade e modo de pensar a sua realidade. Os modelos teológicos ocidentais vigentes na religiosidade cristã africana na sua maioria deixaram de dar respostas às problemáticas sociais, religiosos e culturais próprias do cotidiano africano. Urge a necessidade de articular reflexões da fé cristã que se dinamizem e assumam a realidade do africano como partida para elaboração de sua teologia. Com isso questiona-se: qual (ais) o(s) caminho(s) da reatualização da fé cristã para a realidade africana? Buscam-se assim na Teologia Africana e na Teologia Negra reflexões que articulem as problemáticas da realidade africana. Resgata-se o conceito de

¹ Doutorando em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), bolsista da Evangelisches Missionswerk da Alemanha. Membro do RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais e do NEPP – Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo. Professor de Teologia na Faculdade Refidim (Joinville – SC) e editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 2178-7441). Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5540550378381150>.

² Estudante de Bacharel em Teologia 3º ano na Faculdade Refidim- Joinville; Membro do grupo de iniciação científica da Faculdade Refidim; Estudante de Graduação em Psicologia 3º ano na faculdade FGG- Joinville; Angolano residente em Joinville/SC. E-mail: aniorlando123@hotmail.com.

pentecostalidade, como a dimensão da fé que se reatualiza na ação pneumatológica, apresentada por Bernardo Campos para se entender a Teologia Africana e Teologia Negra como movimentos que assumem a contextualidade da fé africana, possibilitando identidades e matrizes teológicas autóctones. Entendem-se ambas, como dimensões de pentecostalidade ao afirmarem a relevância de viver a fé cristã na perspectiva africana e assumirem os dilemas do africano, afirmando a africanidade e negritude vivenciadas através da liberdade do Espírito. Esta é a proposta de discussão do presente texto.

Palavras chaves: Pentecostalidade; teologia africana; teologia negra; contexto; liberdade.

ABSTRACT

The African is already born under the sign of denial from the western model of life. This denial is extended to its culture, race, religiousness and mode of thinking its reality. The western theological models present in the African Christian religiousness mostly stopped giving answers to the social, religious and cultural problematic proper of the African life. The necessity for articulating reflections of the Christian faith with dynamism, which assume the African reality as departure point for the elaboration of its theology urges. With this, it's questioned: What is (are) the way(s) for the updating of the Christian faith for the African reality? Therefore, it is searched in the African Theology and in the Black Theology, reflections that articulate the problems of the African reality. The concept of Pentecostalism is rescued as the dimension of faith that is updated in the pneumatologic action, presented by Bernardo Campos to understand the African Theology and the Black Theology as movements that assume the contextuality of the African faith, making identities and autochthonous theological matrixes possible. Both are understood as dimensions of Pentecostalism when they affirm the relevance of living the Christian faith in the African perspective and assume the African dilemmas, affirming the africaness and blackness lived through the liberty of the Spirit. This is the discussion proposal of the present text.

Key-words: Pentecostalism; african theology; black theology; context; freedom.

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a história da Teologia Cristã é sempre um desafio fascinante. Seu fascínio está no encontro entre as revelações de Deus à humanidade e as narrativas produzidas acerca destas revelações. Mais

interessante ainda, é o desenrolar dos estudos das narrativas teológicas como forma de conceber a fé cristã e relacionar-se com ela.

“A história da teologia cristã pode e deve ser contada como se fosse uma história. Está repleta de tramas complexas, fatos emocionantes, pessoas interessantes e ideias fascinantes”.³ É sobre estas tramas complexas e fatos emocionantes que este artigo pretende se ocupar. Apresenta-se como mais uma possibilidade e tentativa de pensar o discurso teológico e seus desdobramentos históricos nos diversos espaços geográficos. Aqui será escolhido o espaço Africano para discorrer sobre os discursos teológicos nele produzido principalmente na contemporaneidade a partir dos anos de 1950, estabelecendo esta data como o recorte de tempo histórico para a presente reflexão.

A proposta apresentada é de articular um pouco da história da Teologia Africana e Teologia Negra, enquanto formas de saber da fé cristã dentro do espaço africano, com os novos modos de ser igreja no continente africano.

Apesar de se mencionar o continente africano, optou-se por um recorte geográfico que delimita e possibilita a discussão a ser levantada. África Subsaariana é o “lócus” desta discussão, compreendendo os países como Namíbia, Gana, África do Sul, Zâmbia, Republica Democrática do Congo, Angola, Nigéria, Burkina Faso, Zimbábwe. Tal opção justifica-se pela história do próprio movimento teológico africano contemporâneo que teve sua gênese nestes países apresentando um bom número de referenciais teóricos bem como universidades que articularam a reflexão teológica para o contexto africano.

Dois conceitos a serem usados com frequência serão: *africanidade* e *negritude*. *Africanidade* é a proposta ideológica e cultural que resgata o modo de ser do africano, sua cultura, religiosidade, cosmovisão, como

³ OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reforma*. São Paulo: Vida, 2001. p. 13.

caminho para sua autenticidade e identidade do homem e mulher africano (a). “*Negritude* é um movimento cultural que se batia pela recuperação da identidade negra, pela fidelidade à história africana e pela solidariedade com todos os negros da África e da diáspora”.⁴

Estes dois conceitos irão perpassar a discussão do texto por serem óculos hermenêuticos para o diálogo proposto para pensar a Teologia Africana e Teologia Negra como teologias que assumem uma revolução cultural e identitária, política e religiosa.

Por elas serem teologias contextuais e nascerem no processo de emancipação dos países africanos e do então “terceiro mundo” sua articulação é constantemente atravessada pelas influências da Teologia da Libertação. A proposta é utilizar-se da estrutura desta (Teologia da Libertação) para construir novas possibilidades de pensar a marginalidade empobrecida da vida do africano frente ao ocidentalismo, pois a Teologia Africana se apresenta como uma teologia de libertação para o indivíduo africano.

Segundo Zabatiero, “teologia se faz a partir do clamor, pois quem não consegue ouvir o clamor de quem sofre, também não consegue ouvir a palavra que Deus fala”⁵. E um dos clamores do africano é o de ser livre para viver a vida de forma africana. “Porém não há libertação sem nova consciência e sem novos posicionamentos que geram novas linguagens”.⁶

Os novos posicionamentos e as novas linguagens do africano são expressões da reatualização da fé e afirmação da ação de Deus na história. Esta ação é sempre mediada pelo Espírito. É neste sentido que o conceito de Pentecostalidade de Bernardo Campos é articulado, de modo a entender

⁴ GIBELLINI, Rosino. *Teologia do século XX*. Loyola, São Paulo, 1998. p. 457.

⁵ ZABATIERO, Júlio. *Para uma teologia pública*. 2. ed. São Paulo: Editorial/Faculdade Unida, 2011. p. 16.

⁶ SANCHES, F. Regina. *Teologia da missão integral: história e método da teologia evangélica latino-americana*. São Paulo: Reflexão, 2009. p. 24.

a Teologia Africana e Teologia Negra como erupções da ação do Espírito na vida da igreja cristã Africana.

Partir-se-á da releitura do livro bíblico Atos dos Apóstolos no seu capítulo 2 como paradigma da ação do Espírito sobre a história gerando possibilidade de cada povo ouvir, perceber e viver a fé cristã dentro de sua própria língua e linguagem. Nisto consiste a pentecostalidade. Logo, articular a fé na e para realidade africana é também empreendimento do próprio Espírito Santo.

1 OS NOVOS PARADIGMAS

A teologia precisa ser sempre um saber contextual que abre seus ouvidos para os novos clamores e se prese em dar novas interpretações. Fazer teologia é acima de tudo pensar a vida no momento em que ela acontece e tentar buscar em Deus possíveis respostas e caminhos para poder enfrenta-la e melhor vive-la. É assumir a realidade do contexto e vivenciar os seus dilemas. Para Sidney Sanches “não importa qual o tema teológico, importa sim que se saiba trabalhar de uma maneira teologicamente contextual”.⁷

Urge, no entanto a necessidade do esclarecimento conceitual da palavra contexto. Sanches deixa claro o conceito:

O uso do verbo “contextere” indica a ação de formar algo tecendo, entrelaçando, como fazer uma colcha de retalhos a partir da ligação dos retalhos de tecidos, ou uma blusa de lã a partir da ligação entre seus fios, ou uma carta a partir das diversas palavras, frases e parágrafos. A obra concluída representa as diversas partes reunidas ou tecidas, e é chamada tessitura, contextura, ou contexto.⁸

⁷ SANCHES, Sidney. *Teologia evangélica contextual*. São Paulo: Reflexão, 2010. p. 18.

⁸ SANCHES, 2010, p. 21-22.

Desta forma, contextualizar é perceber as varias partes de um todo e perceber as tramas que entrelaçam as produções teológicas. É fazer a produção a partir do ajuntamento das partes para que ela ganhe corpo. A produção teológica é perpassada por três formas de contexto básico: contexto discursivo, contexto linguístico e contexto histórico. Estes três aspetos delimitam toda a produção teológica sendo que elas permeabilizam interpretações e aplicações da teologia.

Com isso os contextos são diferentes e os conteúdos tendem a ser produzidos, vividos e transmitidos de maneiras diferentes.

Júlio Zabatiero afirma que “teologia que se faz a partir da palavra é fundamentalismo doutrinário ingênuo ou mal-intencionado”.⁹ Para Gibellini “trata-se simplesmente de ter presente que a teologia que não se situa no contexto de uma experiência de fé corre o risco de converter-se numa espécie de metafísica religiosa, numa roda que gira no ar sem fazer com que o carro se mova para frente”.¹⁰

Igualmente Regina Sanches entende que “uma nova maneira de fazer teologia requer necessariamente uma nova maneira de interpretar a Bíblia, a fim de que ela sirva de fundamento de fé da nova teologia”.¹¹ A nova Homilética que se origina na América do Norte nos anos 60 é o protótipo mais radical desta nova forma de assumir o contexto como lugar primeiro do fazer teológico. Segundo Souza “a guinada radical da nova homilética é o movimento de descentralização da pessoa que faz a pregação para a centralização nos modelos narrativo-indutivos, orientados a partir de e para quem ouve a pregação”.¹²

Com estas novas concepções surgem a partir das décadas de 50-60 as novas leituras teológicas que na tentativa de olhar os desafios de seus

⁹ ZABATIERO, 2011, p. 15.

¹⁰ GIBELLINI, 1998, p. 351.

¹¹ SANCHES, 2009, p. 50.

¹² SOUZA, 2007, p. 06.

contextos sociais, políticos, culturais e religiosos se ocuparam em refletir teologicamente sobre elas gerando novas formas de ver a fé, experiênciá-la e compreender as narrativas bíblicas.

Embora reconheçamos suas limitações, elas são tentativas de atualizar a fé para os contextos em que elas são produzidas.

Grenz e Miller no prefácio de sua obra afirmam que,

[...] no esforço humano para compreender a palavra de Deus a teologia acabou-se desdobrando em muitas (...) significa apenas que todas procuraram compreender a palavra embora algumas tenham se aproximado mais das escrituras, outras das ciências, outras das questões sociais de sua época, sendo que algumas delas acabaram até mesmo se embrenhado por caminhos tortuosos nesse esforço de compreensão¹³.

No entanto apesar de suas limitações essas teologias são frutos de novos paradigmas e novas leituras que tentam de alguma forma gerar novas vivências. É nesta dinamicidade que se encontra a riqueza da produção teológica e sua transição. Ela transita para novas realidades assumindo novas formas e se articulando por novos caminhos, mas sempre embasada na ação do Deus Espírito na história humana.

Por isso vale pensar sobre esses novos paradigmas como caminhos novos da fazer reviver a fé. Ao se pensar em “novo” não implica necessariamente no inédito, mas sim no concreto. No discurso sobre a realidade atual.

Sob esses novos paradigmas na teologização da fé cristã, se há de encaminhar a análise da Teologia Africana e Teologia Negra como teologias contextuais e compromissadas com a realidade do sujeito africano.

¹³ GRENZ, J. Stanley; MILLER, Ed. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 09.

2 UM POUCO DA HISTÓRIA: TEOLOGIA AFRICANA

Na emergência de reflexões teológicas que dessem conta de articular as problemáticas dos países do terceiro mundo surgiram as teologias contextuais que assumiam a realidade social, cultural e política como ponto de partida para um fazer teológico. Tal como na América Latina surge a Teologia da Libertação na década de 60 e conseqüentemente a Teologia da Missão Integral, em África, em especial na África negra, surge a Teologia Africana e a Teologia Negra.

Conforme Gibellini:

Os movimentos de independências dos países africanos e asiáticos bem como a primeira declaração da ONU de 1º de Maio de 1974, subscrita pelos países do terceiro mundo, onde é apresentada à comunidade mundial a proposta de um projeto coletivo para a instauração de uma nova ordem econômica internacional, foram acontecimentos que teceram um novo espaço político e social na ordem mundial.¹⁴

Neste solo fértil de ideias efervescentes para as realidades dos países considerados do “terceiro mundo” surgem algumas novas tendências de pensar a religiosidade dos mesmos. Uma religiosidade que no decorrer dos anos havia sido subjugada pela religião colonizadora.

Começou-se a despertar uma concepção mais crítica da sua própria realidade. Segundo Regina Sanches “era a percepção daqueles que foram vitimados pelos desmandos do colonialismo antigo, e não eram prioritários na ordem socioeconômica mundial”.¹⁵

“Surge nesse período um fato novo e que gerou esperança de transformação desta realidade, é que esse ser humano terceiro-mundista já

¹⁴ GIBELLINI, 1998, p. 448.

¹⁵ SANCHES, 2009, p. 21.

não era mais o mesmo, sua postura em relação às situações históricas tornou-se mais crítica, e por vezes de resistência”.¹⁶

Os países colonizadores como Inglaterra, Portugal, Espanha, e outros principalmente europeus começaram a se desinstalar de suas colônias africanas a partir das décadas de 50 a 60. Essa desinstalação radicalmente afetou as formas das colônias se organizarem. Antes eram direcionados pelos colonos em quase toda a forma de organização social, agora se viam lançados num espaço onde era necessário articular-se com os seus próprios recursos.

Após o início do processo de descolonização, começa no seio das igrejas africanas a questão de como ficaria o futuro da missão da igreja na África. Essas inquietações originaram discussões e produções teológicas que tentavam dar conta dos novos desafios. Na universidade de Lovanium em Kinshasa (República Democrática do Congo) começou-se o debate sobre uma teologia africana de cor negra. Destacam-se nomes de teólogos como Thaeicisse Tshinbangu e Alfred Vanneste que militavam por uma forma de viver a fé nos moldes do africano. Para Bujo e Muya foram as duas principais contribuições que marcaram o debate teológico africano, particularmente nos anos 60 e 70.¹⁷

No ano de 1966 realizou-se uma conferência para toda África (CETA) com o tema *por uma teologia africana*, onde os teólogos africanos davam início oficialmente a um modo de reflexão sobre o discurso cristão africano dito pelos próprios africanos.

Na articulação da Teologia Africana os teólogos que mais se empenharam para tal foram na sua maioria católicos e outros protestantes.

¹⁶ SANCHES, 2009, p. 23.

¹⁷ BÉNÉZET, Bujo; MUYA, I. Juvénal. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. v. I. Suíça: Universidade Friburgo, 2002. p. 165.

O encontro entre essas duas potências cristãs nos países da África negra possibilitou continuas elaborações teológicas.

Vale destacar alguns teólogos como Vincent Mulago (República Democrática do Congo), Engelbert Mveng (Camarões), Bénézet Bujo (República Democrática do Congo), Sidbé Semporé (Burkina Faso), Oscar Bimwenyi (República Democrática do Congo), Desmond Tutu (África do Sul).

Com eles a Teologia Africana começa a ser articulada, conceituada e apresentada aos círculos de reflexão teológica no continente africano. Gibellini afirma que “é no congresso de Dar-es-Salam, que pode ser considerado o primeiro reconhecimento da reflexão teológica em África, na Ásia e na América Latina e encerrou-se com o Manifesto de Dar-es-Salam, que pode ser considerado como certidão de nascimento da teologia do terceiro mundo”.¹⁸

Os teólogos africanos, a exemplo dos teólogos latino-americanos, “afirmavam estarem preparados para uma radical rotura epistemológica que faça do compromisso o primeiro ato teológico, levando assim a uma reflexão crítica sobre a práxis da realidade do terceiro mundo”.¹⁹

Para tal “teologia africana deve ser uma teologia contextual, que corresponda ao contexto da vida e da cultura em que vive o povo (...) a contextualização significa que a teologia deverá tratar da libertação de nosso povo da escravidão cultural”.²⁰

Afirma ainda Gibellini que a “Teologia Africana é uma teologia consciente do impacto das condições políticas, sociais, econômicas,

¹⁸ GIBELLINI, 1998, p. 450.

¹⁹ BIMWENYI, K. Oscar. *Discurso teológico negro-africano: problema de fundamentos*. África Subsaariana. Tese de doutorado, 1981. p. 457.

²⁰ GIBELLINI, 1998, p. 451.

culturais, raciais e religiosas sobre a teologia. Por isso ela se faz em meio aos clamores dos povos africanos”.²¹

O clamor do africano é o de ser reconhecido e entendido como agente de sua história seu tempo e sua forma de viver. Zabatiero entende que a “gente só consegue ouvir e entender o clamor das vítimas globais depois de ouvirmos o gemido de quem está ao nosso lado, perto de nós (...) só ouve o clamor quem desce de seu pedestal, púlpito, cátedra, conforto e enxerga o sofrimento a baixo dele”.²² Os teólogos africanos entenderam que a Teologia Europeia era uma teologia do púlpito, da cátedra e do conforto. Uma teologia que não descia para junto do povo e conseguir ouvir o clamor dele.

Com isto, o teólogo africano que deseje tornar-se relevante na sua comunidade deve abandonar o “asilo epistemológico” de culturas e filosofias alheia. “Trata-se de recuperar a africanidade, sua visão da vida, sua cultura, sua sabedoria e religiosidade como ponto de partida do labor teológico”.²³

Para tal alguns teólogos pensam a teologia africana a partir da ideia de costurar tecidos de varias compreensões culturais e religiosas existentes no espaço africano a fim de expor a mensagem do evangelho de forma coerente ao modo de ser africano.

O teólogo Congolês Oscar Bimwenyi se situa decididamente além da teologia da encarnação ou enculturação, para evitar também a suspeita de algo que se deve encarnar ou inculturar; ele prefere falar de uma teologia africana, de um discurso teológico africano, que deverá constituir-se na correlação de duas polaridades: a polaridade de Deus (polo teico) e a

²⁰ GIBELLINI, 1998, p. 450.

²² ZABATIERO, 2011, p. 18.

²³ GIBELLINI, 1998.

polaridade da africanidade (polo ândrico).²⁴ Entende ele que no encontro das duas polaridades se estabelece uma nova realidade para o africano. A realidade da fé que se direciona para Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito a partir da cosmovisão africana.

Existe na teologia africana a forte influencia do pensamento da Teologia da Libertação. Tal se justifica pela familiaridade dos contextos sociais, políticos e econômicos em que elas emergem. Fato que as colocou no mesmo espaço de teologias do terceiro mundo.

Apesar da forte influencia da teologia da libertação tanto no espaço católico como no protestante, Engelbert Mveng entende que,

A libertação na África se apresenta com um radicalismo diferente da América-Latina. A teologia latino-americana insiste na dimensão socioeconômica da pobreza e da libertação: mas o fato é que na África a pobreza não é apenas um fenômeno socioeconômico. É a condição humana, em sua raiz, que foi espoliada, traumatizada, empobrecida. A pobreza africana é uma pobreza antropológica.²⁵

Com isso a libertação que se faz necessária para o africano é uma libertação da condição de negação e do não ser diante do Europeu ou homem branco. Para Gibellini “o empobrecimento antropológico precede e torna ainda mais grave o empobrecimento socioeconômico e clama pela libertação com uma urgência ainda mais dramática”.²⁶

Assim os teólogos africanos antes de tudo buscam a libertação acima da questão econômica. Para eles a libertação está no reconhecimento da dignidade do homem africano. A isto é que a teologia africana entende por resgate da africanidade.

²⁴ GIBELLINI, 1998, p. 209-210. Ideia sintetizada nas duas paginas da obra Teologia do XX, p. 209 e 210.

²⁵ MEVNG, Engelbert. *Histoire du cameroun*. v. 2. CEPER, 1985.

²⁶ GIBELLINI, 1998, p. 466.

Ela é também uma teologia cultural. Por cultura aqui se entende a ideia de Justo González que define a cultura como “o modo pelo qual um grupo qualquer se relaciona entre si e com o meio ambiente circundante”.²⁷ Propõe o mesmo autor que ela tem dois elementos: externo e interno. O elemento externo é derivado da ideia central de cultivo como forma de afetar o ambiente e torna-lo favorável ao homem. Cultivar é relacionar-se com o ambiente e afetar ele de forma que seus recursos sejam mais bem apreciados e produzidos.

Justo González entende a cultura como criação humana que permite a sua adaptação às circunstâncias do meio externo. A cultura é o cultivo do meio em que estamos inseridos para produzir novas formas de relacionar-se com ele. Portanto ela é uma criação.²⁸

Neste sentido, a teologia africana é uma teologia cultural. É uma teologia de criação. Uma teologia que se encontra com as questões do meio social, religioso e econômico e dialoga com elas a fim de gerar novas possibilidades para o sujeito africano articular-se diante de suas questões. Ela é criativa porque aponta caminhos dentro do ambiente de vida do africano.

Assim entende-se que a Teologia Africana, na busca de um modo de ser africano, ela é uma teologia de criação, uma teologia que pensa a sua realidade e dela extrai a seiva para a sua articulação religiosa e cultural. Ela é uma teologia que propõe a libertação antropológica do ser africano. Uma libertação que acima de tudo é mediada pela fé em Cristo como o libertador da raça humana. Por isso é também uma teologia cultural para o homem africano.

²⁷ ZABATIERO, 2011, p. 37.

²⁸ Ideia sintetizada da obra: GONZÁLEZ, L. Justo. *Cultura e evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2011.

Como se afirma acima, a teologia africana é resultado de varias texturas. É uma teologia que se costura a partir dos vários pedaços da realidade africana, por isso ela articula uma nova eclesiologia, uma nova cristologia, uma concepção antropológica diferente, uma pneumatologia africana e uma sistematização teológica que é própria para o homem africano, em particular negro.

3 TEOLOGIA NEGRA: OUTRA DIMENSÃO DA TEOLOGIA AFRICANA

A Teologia Africana ao refletir sobre a africanidade do homem africano encontra a questão antropológica do mesmo. Assim as questões raciais também se tornam problema para a Teologia Africana, pois foi o fundamento principal que justificou uma civilização horrenda e uma escravatura mortífera sobre o homem africano. Uma condição que o remeteu a uma posição de domínio e opressão diante do homem “branco”.

Na África do Sul nos anos 70 a 80 surgem reflexões que tencionavam a opressão do negro diante dos brancos no seu próprio país. Gibellini faz uma descrição histórica interessante sobre a entrada dos brancos na África do Sul:

Na entrada dos ingleses na África do Sul, estabeleceram-se algumas distinções entre os clérigos brancos e negros. Os cristãos reformados brancos eram conhecidos como *africânderes* e os africanos que receberam a fé cristã protestante continuaram a ser chamados naturalmente. Os *africânderes* em nome da tríplice identidade de brancos ocidentais cristãos, julgavam-se historicamente investidos de uma missão civilizadora na África austral o que os tornava distintos, separados e superiores tanto aos negros africanos e aos outros povos de cor.²⁹

²⁹ GIBELLINI, 1998, p. 468.

A teoria do “apartheid” excluía por princípio uma sociedade multirracial e teorizava uma prática de segregação total da população não branca. Na África do Sul, os negros eram segregados dos brancos, tendo como um dos pretextos a superioridade da raça branca. O mesmo se verificava nas colônias portuguesas, francesas e inglesas. Os burgos eram brancos, donos da única verdade política e religiosa.

A Teologia viu-se forçada a refletir sobre o homem negro que é africano. “Assim teólogos Sul Africanos afirmaram que a teologia negra sul africana não é uma teologia importada mas tem uma contextualização precisa e uma dinâmica própria”.³⁰ Para Desmond Tutu trata-se de uma teologia que pretende antes de tudo afirmar os valores da humanidade negra que a cultura europeia desqualificou por ser não-europeia e não-ocidental.³¹

“Essa afirmação da humanidade negra leva a recusar a humanidade branca ocidental como medida universal, a ordem do dia de nossas vidas foi com demasiada frequência fixada pelo homem branco”.³² A teologia Negra está relacionada com a experiência desumana do racismo.

É uma teologia que acentua a valorização do negro enquanto um ser humano e em nada diferente do humano branco. O sentido desta teologia não é simplesmente antropológico, mas acima de tudo teológico.

A teologia negra está revoltada contra a escravização espiritual do povo negro e contra a perda da dignidade e do valor humano desse mesmo

³⁰ GIBELLINI, 1998, p. 469.

³¹ TUTU, Desmond. *The divine intention*. SA: Counsil of Churses, 1982. p. 27. Teólogo anglicano na África do Sul. Reside atualmente no mesmo país e é um dos últimos militantes da causa do apartheid e contemporâneo de Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul.

³² GIBELLINI, 1998, p. 471.

povo. É uma teologia à procura de novos símbolos mediante os quais pode afirmar a humanidade negra.

É importante ressaltar que apesar das semelhanças e encontros, a Teologia Negra realizada nos EUA não é a Teologia Negra realizada no continente africano. Apesar de elas estarem relacionadas com a experiência desumana do racismo, elas acontecem em ambientes diferentes, mas com propostas idênticas, o que se pode entender que foi além de uma expressão humana. Pode ser entendida como uma ação também de Deus na história do homem negro africano e afro-americano.

A Teologia Negra é uma teologia da negritude. Uma busca pelo valor do homem negro enquanto *imago Dei*. Homem que assume sua diferença de cor, porém não sua diferença em termos de humanidade diante do homem branco.

A Teologia Negra é assim ramificação da Teologia Africana realizada no contexto e para o contexto africano negro.

4 A DIMENSÃO DA PENTECOSTALIDADE NA TEOLOGIA AFRICANA

Até aqui a argumentação sobre a Teologia Africana e Teologia Negra foram para justificar a proposta inicial do tema, lançando historicamente a origem da africanidade e negritude enquanto movimentos teológicos ocorridos no continente africano.

Porém agora resta pensar e articular esse movimento teológico dentro das possíveis discussões de pentecostalidade. Para tal o dialogo é estabelecido com o Teólogo Bernardo Campos a partir da sua obra *Da Reforma protestante à Pentecostalidade da igreja*.

Bernardo Campos define pentecostalidade como “aquele principio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento do pentecoste. Trata-se de uma experiência universal que eleva à categoria de ‘principio’ (arque ordenador) as praticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial”.³³

Assim toda a experiência da cristandade se funda no evento de pentecoste narrado no livro de Atos. Pode-se entendê-lo como acontecimento fundante da ação da igreja enquanto corpo que se dinamiza e vive a fé na realidade histórica.

“Do ponto de vista cristológico, a pentecostalidade é a força do Espírito que torna possível a igreja como corpo de Cristo e como povo de Deus na história concreta da humanidade”.³⁴

Bernardo Campos percorre seu pensamento na proposta de que “a pentecostalidade em si mesma rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser única (exclusiva) ou que pretenda converter-se também nela (inclusividade)”.³⁵ Tal pensamento é a tese para justificar a pentecostalidade como manifestação presente em toda comunidade cristã que se mova e se reatualiza através da fé em Cristo para viver sua experiência espiritual.

“A práxis pentecostal é a ação humana que torna presente na história concreta dos seres humanos a presença de Cristo ressuscitado como salvação do ser humano e como suscitador de sua libertação escatológica”.³⁶ Uma salvação que não é simplesmente subjetiva e individual, mas que

³³ CAMPOS, Bernardo. *Da reforma a pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Paulo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002. p. 85.

³⁴ CAMPOS, 2002, p. 85.

³⁵ CAMPOS, 2002, p. 86.

³⁶ CAMPOS, 2002, p. 88.

afeta o modo de ser humano e propõe novas formas de considerar a humanidade. Salvação que resgate a dignidade humana em detrimento de seus condicionamentos. Portanto além da perspectiva escatologia, de uma nova ordem de vida futura, a salvação é também atual e se concretiza na transformação humana e suas condições de existência.

“A pentecostalidade é a universalidade do Espírito de Cristo que torna possível a igreja como uma comunidade Pentecostal”.³⁷ Comunidade que se estende para além das fronteiras culturais, mas que se limita e ganha forma na concretude das realidades na qual ela se insere.

“O princípio pentecostal é a força do Espírito que outorga poder ao ser humano para superar os condicionamentos que querem reduzi-lo à desumanidade”.³⁸ Se a Teologia Africana e a Teologia Negra articulam sua reflexão em torno da desumanização do homem negro africano negando tal prática, então, elas são reflexões movidas pela força do Espírito.

O princípio pentecostal para Bernardo Campos é também um princípio de criação de novas realidades. Novas possibilidades de viver e ser humano. Neste sentido a Teologia Africana propõe ao mundo a africanidade como a forma de viver a fé cristã para o homem africano.

Se o “princípio pentecostal, como realização histórica, transforma-se em imperativo ético e moral por apresentar a sabedoria de Cristo e sua vivencia como normativa para as questões humanas”³⁹, então, a Teologia Negra é uma manifestação deste princípio ao propor a valorização ética do negro e sua individualidade. Se a práxis pentecostal para Campos “é uma atividade social e religiosa, ativa e logica”⁴⁰, presume-se que a libertação que a Teologia Africana

³⁷ CAMPOS, 2002, p. 86.

³⁸ CAMPOS, 2002, p. 88.

³⁹ CAMPOS, 2002, p. 89.

⁴⁰ CAMPOS, 2002, p. 88.

apresenta ao homem africano é uma libertação pentecostal que mediante Cristo deseja tornar o homem africano negro digno de ser *imago Dei* fundamentando sob este aspecto a moralidade e ética para a dignidade do africano.

A experiência do pentecoste é radical ao apresentar a boa nova de Cristo mediante outras línguas e não somente na língua usada pelos judeus. É o paradigma de que os outros povos poderiam receber a fé em sua própria língua, portanto, sua própria cultura e relacionar-se com o Cristo a partir de sua própria linguagem.

É com este paradigma de pentecoste que é possível entender que a Teologia Africana e Teologia Negra são linguagens geradas pelo pentecoste para anunciar Cristo ao homem africano. Não mais a partir da linguagem europeia e ocidental (simbolicamente *judaica*), mas sim a partir da linguagem africana (simbolicamente *outras línguas*).

Com a proposta de Bernardo Campos considera-se a pentecostalidade como o movimento criativo da igreja cristã. Movimento este que não permite a igreja moldar-se com os parâmetros mundanos eivados de racismo, escravatura e desumanizações. Portanto, a voz profética que condena essas práticas pode ser encontrada na reflexão teológica que assume o princípio de pentecostalidade como caminho para a sua articulação.

A pentecostalidade faz ressurgir das cinzas e torna a buscar a vida. Os africanos cristãos encontraram um destes caminhos a partir da Teologia Africana e Teologia Negra. Não são os únicos, mas foram alguns possíveis para acudir ao grito do homem africano. São caminhos pentecostais do cristianismo africano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Teologia Africana e Teologia Negra não buscam uma mera identidade religiosa para o sujeito africano. Elas buscam acima de tudo o *status* humano dele. É uma forma de gritar diante do ocidente que ele é “gente” com sua historia, sua cultura e sua vida de fé. E, isso é acima de tudo o grito do Espírito Santo que dá a vida, intercedendo com gemidos inexprimíveis.

O discurso colonial é glotófago e devora línguas e culturas; o discurso cristão é pentecostal e se exprime em todas as línguas e culturas. Mas qual discurso cristão? não se trata de recriminar as missões e sim de revisitar o cristianismo em situação colonial, para discernir, agora, as condições de um encontro mais profundo e criativo entre Jesus e o homem religioso africano e de um novo modo de ser igreja na África Negra⁴¹.

A pentecostalidade propõe às massas populares a fé em um Deus de amor, a certeza da salvação, a segurança da comunidade e a participação em responsabilidades comuns a serem cumpridas. “Oferece-lhes com isso uma humanidade que a sociedade nega”⁴². De igual forma a Teologia Africana e Teologia Negra ao se tornarem manifestações da pentecostalidade cristãs, elas querem oferecer a humanidade que o ocidente nega ao sujeito africano mediante a afirmação dos movimentos de africanidade e a negritude.

Ao perceber essa possibilidade a Teologia Africana propõe novas utopias sociais para o sujeito africano. Utopias que geram novas esperanças e caminhos para novas realidades de vida assentada na certeza de que a força e o poder do Espírito Santo continuamente alimentam a igreja africana

⁴¹ GIBELLINI, 1998, p. 461.

⁴² CAMPOS, 2002, p. 03.

sustentando-a na fé, no amor e na esperança de que o reino se concretiza e há de se concretizar na sua plenitude.

Por esta teologia que se funda em pentecoste e é manifestação da pentecostalidade vale aqui o nosso voto de confiança.

REFERÊNCIAS

- BÉNÉZET, Bujo; MUYA, I. Juvénal. *Teologia africana no século XXI: algumas figuras*. v. I. Suíça: Universidade Friburgo, 2002.
- BIMWENYI, K. Oscar. *Discurso teológico negro-africano: problema de fundamentos*. África Subsaariana. Tese de doutorado, 1981.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma a pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Paulo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.
- GIBELLINI, Rosino. *Teologia do século XX*. Loyola, São Paulo, 1998.
- GONZÁLEZ, L. Justo. *Cultura e evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- GRENZ, J. Stanley; MILLER, Ed. L. *Teologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- MEVNG, Engelbert. *Histoire du cameroun*. v. 2. CEPER, 1985.
- OLSON, Roger. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reforma*. São Paulo: Vida, 2001.
- SANCHES, F. Regina. *Teologia da missão integral: história e método da teologia evangélica latino-americana*. São Paulo: Reflexão, 2009.
- SANCHES, Sidney. *Teologia evangélica contextual*. São Paulo: Reflexão, 2010.
- TUTU, Desmond. *The divine intention*. SA: Council of Churses, 1982.
- ZABATIERO, Júlio. *Para uma teologia pública*. 2. ed. São Paulo: Editorial/Faculdade Unida, 2011.